



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA E ENSINO DE
LÍNGUAS**

HOZANA DE ARAÚJO ALVES

**O TEMPO EM PERSPECTIVA COMPARADA NOS CONTOS “OLHOS
D’ÁGUA” E “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**MACAPÁ/AP
2023**

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

A474 Alves, Hozana de Araújo.

O tempo em perspectiva comparada nos contos “Olhos d’água” e “Maria” de Conceição Evaristo / Hozana de Araújo Alves. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 43 folhas.

Monografia (Especialização) - Universidade Federal do Amapá, Curso de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, Macapá, 2023.

Orientadora: Mariana Janaina dos Santos Alves.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Conto. 2. Literatura comparada. 3. Memória - Tempo narrativo. I. Alves, Mariana Janaina dos Santos, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 410

ALVES, Hozana de Araújo. **O tempo em perspectiva comparada nos contos “Olhos d’água” e “Maria” de Conceição Evaristo.** Orientadora: Mariana Janaina dos Santos Alves. 2023. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023

HOZANA DE ARAÚJO ALVES

**O TEMPO EM PERSPECTIVA COMPARADA NOS CONTOS “OLHOS
D’ÁGUA” E “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Linguística Aplicada do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas.

Linha de pesquisa: Línguas, Discurso, Cultura, Identidades e Formação de Professores.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Mariana Janaina dos Santos Alves

MACAPÁ/AP
2023

HOZANA DE ARAÚJO ALVES

**O TEMPO EM PERSPECTIVA COMPARADA NOS CONTOS “OLHOS
D’ÁGUA” E “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

DATA DE APROVAÇÃO: 31/01/2023

Examinadora: Prof.^a Dr.^a Adélia Aparecida da Silva Carvalho
Instituição a que pertence: Universidade Federal do Amapá

Examinador: Prof.^a Dr.^a Rosileni Pelaes de Moraes
Instituição a que pertence: Universidade Federal do Amapá

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana Janaina dos Santos Alves
Instituição a que pertence: Universidade Federal do Amapá

MACAPÁ/AP

2023

RESUMO

A proposta da pesquisa é fazer uma análise comparada dos contos: “Olhos d’água” e “Maria” da escritora Conceição Evaristo, a fim de compreender como o tempo, as personagens e a memória narrativa estão empregados à tessitura dos contos, que evidenciam mentalidade temporânea e permanente. Sendo assim, busca-se encontrar os elementos ligados ao tempo e memória ancestrais, enquanto método de estudo para se compreender as memórias de cultura e crença a partir da contextualização histórica e social evidenciadas nas narrativas. Dentre os autores escolhidos para a monografia, mencionamos sobre a Narrativa e Memória aportes teóricos de Benedito Nunes (1992), Carlos Reis (1988), Eduardo Duarte (2009) e Paul Ricoeur (1994 – 2009), sobre a estética da obra de arte, notadamente a literatura, vimos Étienne Souriau (1983). Quanto à estrutura narrativa Gerard Genette (1997), especialmente sobre o conto Júlio Cortázar (2006), Luís Santos (2001), Mikhail Bakhtin (2006). Ricardo Piglia (2004) e Tzvetan Todorov (2006).

Palavras-chave: Conto; Literatura comparada; Memória; Tempo narrativo.

RÉSUMÉ

La proposition de la recherche est de faire une analyse comparée des contes : "Yeux d'eau" et "Marie" de l'écrivain Conception Evaristo, afin de comprendre comment le temps, les personnages et la mémoire narrative sont employés à la tessiture des contes, qui mettent en évidence la mentalité temporelle et permanente. Ainsi, on cherche à trouver les éléments liés au temps et à la mémoire ancestrales, comme méthode d'étude pour comprendre les souvenirs de culture et de croyance à partir du contexte historique et social mis en évidence dans les récits. Parmi les auteurs choisis pour la monographie, nous mentionnons sur le Récit et la Mémoire des apports théoriques de Benedito Nunes (1992), Carlos Reis (1988), Eduardo Duarte (2009) et Paul Ricoeur (1994 - 2009), sur l'esthétique de l'œuvre d'art, notamment la littérature, nous avons vu Étienne Souriau (1983). Quant à la structure narrative Gerard Genette (1997), en particulier sur le conte Julio Cortázar (2006), Luis Santos (2001), Mikhail Bakhtin (2006). Ricardo Piglia (2004) et Tzvetan Todorov (2006).

Mots-clés: Conte; Littérature comparée; Mémoire; Temps narratif.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA	14
3. DA TEORIA AOS CONTOS DE EVARISTO	15
4. ACEPÇÃO: “OLHOS D’ÁGUA” E “MARIA”	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se dedica ao estudo dos contos “Olhos d’água” e “Maria” (EVARISTO, 2016) com base na contextualização histórica e social do tempo e da memória narrativa. Ao longo dos textos percebemos que esses elementos acabam se repetindo não como estruturas fixas, mas como ideia de mudança de paradigmas que tem a finalidade de compreender até que ponto a memória e o tempo trazem símbolos sociais e culturais que reverberam nos dois contos.

O interesse por esta pesquisa surgiu em 2019 quando tive os primeiros contatos com as obras da escritora e a temática dos contos, pois os textos são estruturas de fácil compreensão e trazem dinamismo multifuncional ao desenvolverem questões sociais e culturais no âmbito literário. Resumidamente, o conto “Olhos d’água” narra à história de uma mulher negra que tenta através de suas memórias lembrar a cor dos olhos de sua mãe. Memórias essas diretamente ligadas ao tempo passado histórico e um tempo presente narrativo. Já o conto “Maria” narra à história de personagem homônima ao título, (uma mulher negra), que adentra em suas memórias em busca de momentos felizes ao lado do companheiro e de seus filhos. Em ambos, o tempo passado e o tempo presente acabam se mesclando entre si.

O objetivo dessa monografia foi analisar os contos “Olhos d’água” e “Maria” de Conceição Evaristo em perspectiva comparada nos eixos de tempo e personagens. E se propõe avançar e contribuir nas pesquisas literárias que consideram os traços de uma memória narrativa. Nesse sentido, buscamos ampliar a recepção dos estudos críticos sobre as obras de Evaristo. Bem como estudar representatividade do tempo e da memória narrativa como elemento estrutural.

Segundo Cortázar, trabalhar com contos é algo instigante, pois ele nos traz a ideia de um recorte temporal, ele é “capaz de indicar uma realidade muito mais ampla” (CORTÁZAR, 1993, p. 113), a qual nos possibilita questionar e refletir sobre os fatos narrados. Os contos “Olhos d’água” e “Maria” trazem contorno de tempo permanente na história narrada. A leitura das obras nos leva a refletir se este tempo está direcionado à narrativa ou às personagens, já que este parâmetro permitirá decifrar essas confluências em âmbito narrativo.

Os contos instigam ao cristalizar a humanização da realidade das protagonistas que, de alguma forma, se assemelham e se distanciam frente as suas vivências pessoais, ou seja, memória compreendida dentre o passado histórico – as lembranças da vida – segundo Souriau (1983) e o tempo presente. Para Cortázar (2006, p. 153) “um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina

bruscamente algo que vai muito além. [...]”, ou seja, é exatamente essa “explosão de ideias” que são exaltadas. A presença da memória e de um tempo que se sobressai da narrativa, torna-se a tentativa de se manter viva as esperanças, suposta realidade que insiste em se manter latente no meio social nas narrativas.

Segundo Nunes (1992) estudar o tempo nos permite decifrar o quanto ele tem significados e está carregado de sentidos, no qual o texto se consolida enquanto forma autêntica de pensamentos críticos, “o estudo do tempo como forma de articulação dos eventos na obra literária, particularmente nas de feição narrativa, em que esse papel é mais saliente” (NUNES, 1992, p. 345), o tempo pode representar uma época e pode trazer reflexões a partir desta representação. Essas evidências anotadas em ambos os textos, apresentam-se em enredos diferentes fazendo com que a leitura permita reflexões que variam conforme a perspectiva apontada na estrutura narrativa.

Para Bakhtin se faz necessário entender a relação que o tempo representa numa narrativa, pois “a intrínseca conexão das relações espaciais e temporais são artisticamente expressadas na literatura” (BAKHTIN, 2006, p. 346), nesse sentido, o tempo que está expresso nos contos está conectado aos demais elementos que ao nosso ver se completam, pois o que torna uma narrativa viva é essa expressividade dentre os elementos estruturais. Segundo Santos “um texto verossímil não é necessariamente aquele que cria um mundo parecido com o real, mas o que desenvolve uma coerência própria, uma lógica específica” (SANTOS, 2001, p. 28) e é exatamente isso que é feito ao longo dos contos analisados, eles representam essa semelhança e esse alto relevo própria das personagens. O que para Nunes representa a **realidade realçada**, uma vez que “o tempo é o elemento da narrativa, assim como é o elemento da vida; está inseparavelmente ligado a ela como aos corpos no espaço” (NUNES, 1992, p. 346, grifo nosso), quer dizer que essas características são imutáveis e são destacadas no texto a partir do realce dado, por meios das histórias das protagonistas.

Do ponto de vista de Gagnebin o estudo da memória como elemento ancestral pode ser “a fidelidade ao passado não sendo um fim em si mesmo e visa a transformação do presente” (GAGNEBIN, 2001, p. 91). A partir desse aspecto, notamos que em ambos os textos, há a ideia de transformação posturada à personagem em perspectiva psicológica. Pois há de se identificar no texto a mudança de pensamento criando-se a partir da personagem mecanismos de superação de preconceitos e diferenças sociais. Nos contos “Olhos d’água” e “Maria” percebemos que na linguagem, as crenças são igualadas e trazem profunda reflexão de memórias históricas que marcaram um povo, refletindo aspectos, ainda hoje, da cultura que permanecem além do tempo, memória e narrativa.

A pesquisa justifica-se pelo fato de desenvolver a reflexão sobre o quanto a memória e o tempo são fontes cruciais para se entender os pensamentos relacionados à raça, crença, costumes, preconceitos, entre outros elementos. A memória, o tempo e as personagens estão diretamente entrelaçados na obra literária, e que por mais diferentes que sejam as temáticas abordadas nos contos, eles acabam refletindo e apresentando temas atuais da sociedade, ou seja, as obras analisadas apresentam significados ancestrais, culturais e sociais.

O escopo desse estudo é estabelecer parâmetros de comparação a respeito do tempo na constituição da memória das personagens, além disso acreditamos que os contos da escritora Conceição Evaristo elucidam as relações de poder que se refletem na memória das personagens.

A escritora Conceição Evaristo¹ é considerada figura importante no universo literário brasileiro contemporâneo, justamente por apresentar uma literatura negra escrita e vivida por uma mulher negra. Destacamos ainda que as temáticas trabalhadas envolvem principalmente a figura feminina negra sendo envolvida por elementos extralinguísticos, memórias coloniais e decoloniais e com esse perfil, a escrita de Evaristo exalta:



<https://sempreumpapo.com.br/conceicao-evaristo-encerra-programacao-no-sesc-santo-andre/>. Acesso em: 23 maio 2022.

“literatura afro-brasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa” (EVARISTO, 2007, p. 621). Além disso, ela é “participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país. Estreou na arte da palavra em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série “Cadernos Negros”², suporte de que se utiliza até hoje”. Isso significa que sua escrita:

¹ Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para outro estado, o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduiu-se em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense e da rede privada de ensino superior. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese Poemas malungos, cânticos irmãos (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 12 de fev. 2023.

² Outras obras de Conceição Evaristo: Ponciá Vicêncio (2003); Becos da memória (2006); Poemas de recordação e outros movimentos (2008); Insubmissas lágrimas de mulheres (2011); Histórias de leves enganos e parecenças (2016); Canção para ninar menino grande (2018). EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo–Literatura

Transparece um comprometimento ideológico deliberadamente assumido, uma preocupação de “[...] atizar na consciência de um povo usurpado/ usurpador a brasa da dignidade humana/ histórica a ser fundamentalmente resgatada” [...]. Predomina uma posição de resistência e luta pela afirmação e pelo reconhecimento social. (PROENÇA FILHO, 2004, p.179)

Os textos da escritora Conceição Evaristo trazem uma abertura para outras abordagens de pesquisas em literatura, pois através dos contos “Olhos d’água” e “Maria” que serão analisados nesta monografia, esses textos nos possibilitam adentrar tanto no universo da mulher negra, como na cultura, na memória afrodescendente. Além do mais, as narrativas trazem um nivelamento/ligação de perspectivas com relação ao tempo, as personagens e ao espaço.

As obras da escritora Conceição Evaristo trazem conexões profundas que causam efeitos de reciprocidade e indignação nos leitores, pois evocam sentimentos de memórias vividas pessoalmente ou não, isto é, nos remete ao conceito de **Escrevivência**³ que é entendido como sendo o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio no contexto ficcional.

Nas palavras de Evaristo conseguimos destacar que a Escrevivência significa expressar emoções vivências pelo viés da origem, cultura e religião, sem deixar que as memórias ancestrais sejam envenenadas ou apagadas por discursos hegemônicos, ou seja, o ato de escrever possibilita que vozes sejam ouvidas, acolhidas e ressignificadas a partir de outras experiências e compartilhamentos de ensinamentos.

Pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. (DUARTE e NUNES, 2020, p. 29)

Nesse sentido, escrevendo e descrevendo experiências vividas pessoalmente o fato é que essas memórias descritas representam o tempo passado e presente em perspectiva a partir da personagem e das mulheres negras. Isto posto, ressalta-se que as histórias narradas elaboram a certo modo um retrato da sociedade, bem como abordam temas que são relevantes

Afrobrasileira. 2022. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/conceicao-evaristo.html>. Acesso em: 03 fev. 2022.

³ O termo Escrevivência foi utilizado pela primeira vez em 1995, no Seminário Mulher e Literatura. Conceição Evaristo, sua criadora, diz que ele surgiu da junção entre “escrever” e “viver”, ou seja, uma forma de “escrever vivências”. Disponível em: <https://literarioafeto.medium.com/o-que-%C3%A9-escreviv%C3%A9ncia-9580c9de9ee4>. Acesso em 12 de fev. 2023.

como a violência de todas as formas contra a mulher, em especial contra as mulheres negras. Nesse aspecto destacamos:

Nossa Escrivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. (DUARTE e NUNES, 2020, p. 30)

Souriau (1983) trata sobre a correspondência das artes em perspectiva comparada, e na literatura, o filósofo da estética ressalta que as experiências vividas pelo autor, ao longo de sua trajetória enquanto ser humano ou a experiência adquirida por meio da vivência, podem provocar um processo que ele nomeou de correspondências interartísticas no ato de criação e essa perspectiva pode ser variada nas artes. Na literatura, tomando as referências do autor, entendemos que essa constante pode ser vista na obra de Conceição Evaristo, especialmente, experiência de escrita em que escrever é vivência, as que escolhemos para esta monografia. Vejamos as anotações de Souriau (1983, p. 124, grifo nosso):

Se há correspondências diretas entre sensações, correspondências estranhas ou inerentes à arte, além de não poderem constituir a base de um sistema amplo e sólido de **correspondências interartísticas**, elas serão apenas um curto-circuito acidental que a arte não deve levar em conta. Nesse domínio, **as únicas correspondências que realmente assume são as que ela mesma constrói e instaura em seu universo.**

A análise desses contos nos traz possibilidades que condicionam-se as diferentes interpretações, em outras palavras “passa-se a pensar que o que interessa não é a intenção do autor, mas como essa intenção realmente ganha forma no espaço textual, o modo pelo qual se concretiza em palavras” (SANTOS, 2001, p. 11), quer dizer, os textos de Evaristo ganham vida própria, que de forma autônoma, identificamos em aspectos pragmáticos do texto o papel que desempenham no contexto social, já que trazem elementos que colocam a relevo a condição social das personagens, bem como as características sociais de uma época e seus adjacentes.

Através do estudo destacamos o quanto os contos de Evaristo são fontes de inspiração para abordagens crítico-literárias, uma vez que suas narrativas unem os três elementos essenciais de um conto, são eles: tempo, personagem e espaço. Além do tema da intriga que nos traz para a reflexão de contextos os quais as mulheres negras são frequentemente envolvidas. O tempo ganha destaque, pois nos permite confrontar memórias de um passado histórico que se interligam ao tempo presente. A figura da mulher negra nos contos destaca o

quanto ambas as personagens passam por vivências e experiências que deixam marcas internas e externas de sofrimento.

Já o espaço, não muito diferente, acaba sendo palco de acontecimentos e sensações das protagonistas “Aquilo que as caracteriza é oferecer, por um **meio qualquer** (mesmo puramente simbólico) um universo de coisas cujo modo de presença, simplesmente evocado, é bem diferente da presença concreta da obra” (SOURIAU, 1983, p. 125, grifo nosso). O espaço serve de elemento, em segundo plano, da narrativa enquanto estrutura se destaca. Ele reitera as condições descritas pelas personagens e algumas vezes, pode se caracterizar como um espaço psicológico que retém as informações projetadas pela memória afetiva das personagens.

O elemento principal que destacamos no estudo é sem dúvida o tempo, pois ao analisarmos as obras é possível confrontar por meio da reflexão provocada pela literatura, as vivências e as experiências das personagens, através principalmente das situações que são repetidas e a importância da mudança de paradigmas que são impostos às mulheres negras. O estudo sobre a temática envolvendo diretamente o tempo dentro dos contos de Conceição Evaristo nos possibilita desnublur o quanto de informações as narrativas podem despertar para outros interesses.

Consideramos o tempo como memória representativa da contextualização social, cultural, histórica nos contos: “Olhos d’água” em comparação com o conto “Maria” da autora Conceição Evaristo. Buscamos discutir, nesse sentido, aspectos dessa relação intrínseca e o quanto essas questões se tornam importantes para a análise. Logo, pergunta-se: o tempo nos dois contos está para a narrativa ou para as personagens? Uma vez que, o tempo e a memória possuem um valor estético e social os quais esses são chaves comuns dentro das narrativas pesquisadas. Segundo Santos (2001, p. 53), “o tempo que emerge da literatura – por mais fantasioso, absurdo e delirante que possa parecer – é um tempo social, a expressão de um modo de atribuição coletiva de sentidos para o tempo”, ou seja, o tempo se comporta dentro da narrativa a partir da experiência social, na qual se estabelece na vivência. Assim, consideram-se duas distinções sobre o entendimento do tempo que seria o tempo do discurso e o tempo da narrativa, vejamos a explicação:

O tempo do discurso pode ser entendido como consequência da representação narrativa do tempo da história. A partir de uma concepção de raiz estruturalista, diz-se que o tempo narrativo resulta da articulação das duas dimensões que é possível reconhecer no tempo: o tempo da história é múltiplo e a sua vivência desdobra-se pela diversidade de personagens [...] (REIS, 1988, p. 294, grifo nosso).

Ou seja, o primeiro: o tempo do discurso está diretamente relacionado com a época a qual a narrativa foi escrita e os acontecimentos por trás da história, já o tempo da narrativa envolve as experiências dos personagens e a relação afetiva com as ocorrências desenhadas ao longo da narrativa. Isto é, nos contos analisados os aspectos por trás do tempo geram um entrelace de expectativas, em que “o tempo é aqui constituído pelo encadeamento de inúmeras instâncias do discurso; ora, estas definem a própria ideia do presente” (TODOROV, 2006, p.179). Por isso, entende-se assim que o tempo presente gera na narrativa, enquanto recurso de criação literária, uma espécie de fonte extraliterária que, de certa forma, deriva do cotidiano e constitui na narrativa efeitos de verossimilhança.

2. METODOLOGIA

A pesquisa versou a análise comparada e reflexiva dos contos: “Olhos d’água” e “Maria”, que segundo Tânia Franco Carvalhal, explica que - a literatura comparada “designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (CARVALHAL, 2006, p. 06), ou seja, ao utilizar essa metodologia estaremos nos aproximando exatamente de uma “arte metódica, pela pesquisa de laços de analogia, de parentesco e de influência”. (id, p. 150). A partir da comparação buscam-se os elementos que ligam a generalização ou diferenciação dos contos analisados.

Dito de outro modo, ao utilizarmos o método da literatura comparada estamos nos convencendo de que há uma relação de trocas recíprocas entre os dois contos, pois “cada autor impõe a seus empréstimos” (CARRÉ, 1956, p. 08). Importa lembrar que as obras analisadas são da mesma autora, assim entendemos que a pesquisa parte do pressuposto que a memória e o tempo são as bases que sustentam apreciação interpretativa.

Além disso, conforme Severino (2014, p. 58), “a leitura analítica metodologicamente realizada é instrumento adequado e eficaz para o amadurecimento intelectual do discente”. Ou seja, esse método facilitará nossa jornada de estudos, pois em ambos se permite por meio da leitura o reconhecimento dos efeitos da estrutura narrativa, em foco os de tempo e personagem. Conforme Carvalhal ao discutir que “literatura comparada seria uma espécie de interpretação, é uma metainterpretação” (CARVALHAL, 2006, p. 72), isto é, o método descomplexifica nossa interpretação desse tempo narrativo e a partir desta analogia pode-se perceber o tempo do discurso.

3. DA TEORIA AOS CONTOS DE EVARISTO

A memória é o elemento simbólico de ancestralidade que é narrada nos contos e trazem visibilidade literária, cultural e social a partir da constituição dos elementos na prosa aliados à estrutura narrativa. Daí a importância da valorização da memória como elemento temporal, na qual buscamos entender o potencial dessas obras para poder entender os conflitos culturais e sociais. Uma vez que entendemos que as visões representativas do mundo precisam ser elaboradas, pois há uma necessidade da representatividade das múltiplas funções da memória ancestral e dos conhecimentos advindos das experiências culturais.

A pesquisa o uso da Literatura comparada é o método para buscar os elementos ligados ao “tempo narrativo” e memórias simbólicas da cultura de matriz africana nos textos. Ao utilizar este método estaremos nos aproximando de uma qualidade humana que segundo Carvalhal (2006, p. 07) “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura”. Por isso, faz-se necessário adentrar nos conceitos a respeito do conto. Dessa forma, escolhemos Cortázar (2006, p. 150) que nos explica que o conto é entendido como sendo “um gênero que entre nós tem uma importância e uma vitalidade que crescem dia a dia”, isto é, ele possui inúmeras possibilidades de interpretação e análise, por esta característica ser marcante, destacamos os contos na literatura nacional.

Segundo Piglia (2004, p. 94) “o conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma vida secreta”, ou seja, as narrativas analisadas trazem percepções a respeito de um ideal entre ficção e realidade através da ruptura de paradigmas para além da narrativa, pois ambos transcendem na mesma lógica de pensamentos que se completam entre si, num jogo de confronto no tempo narrativo.

Cortázar (1993, p. 150) afirma que “o conto é uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência”, que o conto nos possibilita vivenciar e entender fatos sociais que permanecem num estado de retenção histórica. A partir deles é possível identificar que as personagens trazem marcas estruturais tanto referente ao racismo quanto ao gênero. Em “Olhos d’água”, a personagem expõe o contexto histórico ligado as diferenças sociais que influenciaram no tempo passado e presente indicando o clímax narrativo na memória afetiva. O conto “Maria” traz a personagem que é envolvida em um assalto e é julgada veementemente, e ainda por ser mulher negra, as vozes direcionadas a ela trazem marcas

raciais e ofensivas. É importante notar que o conto inclui também personagens secundários que transportam discursos advindos da cultura hegemônica, pois na narração Maria destaca que há um garoto com feições iguais ao filho que começa acusá-la verbalmente. E são essas as ações e comportamentos advindos de contextos históricos e culturais que são evidenciados nas narrativas.

Outro aspecto apontado no conto “Maria” traz outros temas relacionados aos problemas que as mulheres negras sofrem no Brasil, a título de exemplo, as violências com relação aos direitos, e principalmente as relacionadas ao psicológico, verbal, físicas e sociais, que permitem ao leitor refletir a partir da leitura dos textos.

Segundo Bakhtin o tempo é representado como sendo algo crucial para se indagar e responder a respeito do fluxo da narrativa, isto é, “a partir de que ponto espaço-temporal o autor considera os acontecimentos que narra?” (BAKHTIN, 2006, p. 105). Essa indagação elementar que irá subsidiar e situar até que ponto os contos se cruzam e se distanciam entre si, em relação ao tempo da história. Nesse sentido, ressaltamos que:

O processo narrativo instaura uma dinâmica temporal, imposta desde logo pelo devir cronológico em princípio inerente à história relatada, e em segunda instância perfilhada também pelo discurso, uma vez que o próprio ato de contar não só tenta representar essa temporalidade, como se inscreve, ele próprio, no tempo. (REIS, 1988, p. 67)

Ou seja, o estudo narrativo dos contos nos possibilita entender as circunstâncias ligadas às estruturas relacionadas ao tempo e como este se relaciona com todos os elementos da narrativa, uma vez que, o tempo cronológico gira em torno das memórias descritivas das personagens e tem-se a dinâmica entre o presente e o passado no mesmo espaço. Por exemplo em “Olhos d’água”, a protagonista busca se lembrar a cor dos olhos da mãe, mas não consegue por conta das informações perdidas pela memória da personagem e é envolvida aos problemas advindos das condições financeiras vindas do passado. Ou seja, contextos sociais e históricos, os quais seus pais participaram refletem nas memórias.

Sob esse viés, Cortázar, elenca que o tempo deve estar muito bem estruturado no conto, pois “o tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetido a uma alta pressão espiritual” (CORTÁZAR, 2006, p. 152), isso significa que ambos devem estar na mesma sintonia, pois assim podem gerar reflexões a quem ler. Isso significa dizer que, os contos analisados têm em sua essência parâmetros de sentido que estão conectados entre si gerando ambivalência de multiplicidade (conexões). No conto “Maria” as ações das personagens acontecem no ambiente urbano e é possível fazer um perfil dos passageiros do

ônibus através dos xingamentos que são atribuídos a Maria, como podemos ler no trecho que segue: “aquela puta safada lá da frente [...] negra safada [...]” (EVARISTO, 2016, p. 404), logo podemos perceber que as vozes, expressas nos discursos diretos, agridem o gênero e a cor da protagonista. Nesse aspecto, notamos que as vozes marcadas por discursos hegemônicos são somadas aos pontos que desprezam a mulher negra, e isso é realçado quando a vítima se torna culpada sem chances de defesa, como é o fato apresentado no texto de Evaristo.

Para Ricoeur, o tempo seria uma espécie de narração articulada em uma ilusão realista, ou seja, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo” (RICOEUR, 1994, p. 15), isto significa que em ambos os contos pesquisados temos a presença de um tempo narrativo naturalizado por experiências humanas, sejam elas, positivas ou negativas. Em que ambos os contos se destacam o lado negativo, uma vez que a realidade das personagens traz aspectos históricos ideológicos referentes as desigualdades econômicas e de gênero, nos quais as mulheres negras são entrelaçadas. Em “Olhos d’água”, interferências externas que apagam a memória resultam em problemas financeiros que atrapalham a personagem de recuperar a lembrança da cor dos olhos da mãe. Outro aspecto no conto “Maria” é que seus relacionamentos resultaram em filhos, os quais ela assumiu para si a responsabilidade de criá-los sozinha, e ainda se sente culpada por ter tido outros relacionamentos além do primeiro companheiro.

Genette (1997, p. 14) ao estudar o discurso dos contos é preciso levar em consideração “a ordem da narrativa, a que estuda a sua duração e a que se ocupa dos problemas de frequências; numa palavra, a incidência do tempo nos fatos relatados”, ou seja, ao estudar o tempo em ambas narrativas estaríamos decifrando os porquês de suas repetições. As ideias por trás da definição do tempo carregam entre si a continuidade de uma categoria de reflexão. Assim, segundo Nunes (1992, p. 347), “tanto para Aristóteles quanto para Newton, o tempo é uma categoria, ou seja, uma determinação do real, independente da consciência do sujeito”, por mais distante que seja uma obra em tempo da narrativa, ela carrega em si significados sobre o tempo imutável ao pensamento humano, pois os dois contos nos trazem a ideia de tempo que não sofre alteração e que reflete em uma sociedade, na qual ainda existe esse comportamento apresentado como núcleo da intriga do texto.

Por exemplo, em “Olhos d’água” a personagem transmite as vivências que se aproximam das experiências passadas tidas com a mãe, pois são exatamente essas semelhanças que tornam o enredo sugestivo por soluções e provocam conscientizações por mudanças de padrões culturais ideológicos. Para Nunes (1992, p. 346), dar uma definição para

o tempo é uma tarefa difícil, pois “acerca do tempo se tem um saber espontâneo, não prático, que se torna extremamente difícil traduzir em conceitos”, isto é não temos uma concepção definitiva de como ele se entrelaça em diferentes teceduras dentro de uma história, pois a sua essência está carregada de autenticidade.

O autor Wolfgang Schmid, em sua obra intitulada: *Narratology: na introduction*⁴ (2014), explicar a existência de diferentes narradores na narrativa, no qual destacamos:

O narrador fictício é uma instância do mundo representado e pode ser representado de dois modos: explícito ou implícito. A representação explícita consiste na auto representação da instância do narrar, na nomeação de si mesma, na autodescrição, contar sua história de vida e apresentar sua visão do mundo, entre outros. (SCHMID, 2014, p. 01)

Ou seja, o narrador fictício representa na narração suas vivências particulares, no qual aproxima os fatos narrados ao mundo do leitor e é o que se destaca nas obras analisadas, pois as personagens trazem experiências e memórias que atravessam gerações sem haver uma mudança estrutural ou espacial, isto é, percebemos que as histórias se cruzam justamente por apresentarem semelhanças auto descritivas.

Para Ricoeur “narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana é uma correlação que não é puramente ocidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural” (RICOEUR, 1994, p. 15), isso permite entender que uma narrativa carrega provocações e questionamentos, e até gritos de libertação os quais por mais que o tempo passe, eles permanecem latentes, e são exatamente nessa conjectura que os contos de Conceição Evaristo foram tecidos de acordo as origens, nas quais tanto as personagens quanto a autora estão ligadas concretamente naquilo que entendemos como escrevivência.

Segundo Seixas (2005) o estudo da memória dentro do texto literário nos revela fatos, histórias de uma determinada época que pode servir de apoio para a reformulação de pensamentos, hábitos ou posturas, pois “a memória possui dupla residência: habita inextrincavelmente o mundo rígido e instável da matéria, tanto quanto reside, como elasticidade faculdade, em nosso espírito” (SEIXAS, 2005, p. 64), nesse sentido o conto “Olhos d’água” apresenta experiências narradas em torno de uma memória recriada de sentimentos de resistência e luta. Como podemos ler no trecho: “sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência [...]” (EVARISTO, 2016, p. 15). Nessa passagem, a nosso ver é

⁴ O texto é uma tradução do livro *Narratology: na introduction* que foi traduzido pelo Grupo ANA em Belém do Pará, 2005.

possível observar através da narração o quanto é difícil reviver as memórias da infância e adolescência da protagonista, pois elas trazem a trajetória marcada pelas dificuldades financeiras e sociais, além disso, o trecho denuncia a carência devido a falta de um planejamento familiar por parte dos pais. Esse fato acaba levando as meninas a crescerem rápido sem a possibilidade de aproveitar a infância e adolescência e elas passam a buscar a própria sobrevivência. Isto posto, identificamos o tipo de narrador o qual nos deparamos no texto de Evaristo:

Um narrador é diegético se ele pertence à diegese, ou, ele narra sobre si mesmo, ou, mais especificamente, sobre sua vida passada, como um personagem da história narrada. O narrador diegético aparece em dois níveis: tanto na exegesis, a narração, como na diegesis, a história narrada. (SCHMID, 2014, p. 09)

Ou seja, em “Olhos d’água”, a protagonista é caracterizada como sendo narrador diegético por apresentar características que conectam o passado histórico ao mundo palpável, tal como o conto “Maria” traz esse narrador diegético onisciente da narração, e isso ganha força quando sua história é narrada a partir de um olhar analítico de quem narra as emoções, experiências e acontecimentos no desenrolar do enredo.

Por esse viés, Ricoeur, nos revela que através desse estudo poderíamos “reconstruir os laços indiretos da história com a narrativa e “finalmente trazer à luz a intencionalidade do pensamento histórico pela qual a história continua a visar obliquamente ao campo da ação humana e a sua temporalidade de base” (RICOEUR, 1994, p. 34), ao esboçar essas memórias descritas no conto estaríamos mais próximos do foco narrativo em aspectos pragmáticos.

A partir dos prescritos de Ricoeur percebemos que as obras analisadas, o tempo é entendido “[...] como dinâmica própria da história narrada. Ela constrói a memória do personagem, que se pode chamar de sua identidade narrativa, construindo a da história narrada” (RICOEUR, 1994, p. 176), o conto “Olhos d’água” e o conto “Maria” fazem a decodificação da memória em busca da ancestralidade cultural e social para entender o presente. E presente este carregado de impressões do passado histórico. A identidade negra que é formada a partir da leitura dos contos é construída a partir das experiências de mulheres negras que enfrentam diferentes situações sem deixar as dificuldades abalarem suas convicções culturais e religiosas. O primeiro conto “Olhos d’água” é marcado pela profundidade das relações familiares da personagem, pois ao tentar relembrar a cor dos olhos de sua mãe ela conecta as dificuldades sociais e principalmente aos ancestrais que sempre a

ajudaram a seguir em frente. Já o conto “Maria” traça a personalidade marcante de uma mãe solteira que cuida sozinha do sustento dos filhos.

Segundo Schmid, as personagens analisadas enaltecem uma perspectiva temporal ancorada ao viés das experiências temporais e espaciais das protagonistas,

No parâmetro temporal, a perspectiva figural manifesta-se na ligação do narrar ao presente de uma das personagens. Em relação à posição temporal da personagem, mostra-se mais claro o uso dos advérbios dêiticos de tempo, como agora, hoje, ontem, amanhã. (SCHMID, 2014, p. 12)

Esses elementos dêiticos nas narrativas trazem as marcas das vozes de quem narra e de quem é narrado, uma vez que essas marcações representam momentos, tempos e espaços dos acontecimentos diferentes. No primeiro conto, a personagem se encontra no quarto e faz uma volta em suas lembranças/memórias ao buscar a cor dos olhos da mãe. Já no segundo conto, tem-se a personagem antes de embarcar no ônibus, no ambiente de trabalho, e depois dentro do coletivo, mostrando como esses elementos dêiticos trazem para a narrativa marcas de quem narra/vivencia ou redige a narração.

De acordo com Santos, existem dois sujeitos na narrativa, um é o sujeito da enunciação outro é o sujeito do enunciado, “o sujeito da enunciação é todo agente que cria algum enunciado. Já o sujeito do enunciado é o ente que desempenha a ação a qual o enunciado faz referência” (SANTOS, 2001, p. 02). Nesse aspecto se faz necessário entender que nos dois contos, o sujeito da enunciação cumpre o papel externo e traz a perspectiva da narração como elementos extras na narrativa, já o sujeito do enunciado que é representado pelas protagonistas da história exerce o papel interno e traz à tona todas as experiências em profundidade para a intriga⁵. Desse aspecto, notamos que as vivências das protagonistas dos contos analisados se assemelham.

Elas são mulheres negras, mãe e chefe de família e enfrentam muitas dificuldades financeiras. Em “Olhos d’água”, a personagem se vê através da história da mãe, isto é, temos uma repetição dos mesmos problemas vividos anteriormente e que são espelhados nela. No conto “Maria” percebe-se a vulnerabilidade social que mulheres pobres. Maria é empregada doméstica que trabalhou o dia inteiro e volta cansada e com um corte na mão feito por uma

⁵ Intriga é “definida como a parte da narrativa na qual se expõe, de forma encadeada, uma série de acontecimentos que ocorrem a um ou a vários personagens”. (MORA, 2016, p. 528)
 Narrativa é “uma forma de associação imaginativa entre uma ou várias ações e um contexto ou mundo hipotético”. (MORA, 2016, p. 528)
 MORA, Ernesto. Intriga e narrativa. Duas operações da imaginação social. Gragoatá, v. 21, n. 41, 2016.

faca a laser, mas não se deixa desanimar pelas dificuldades, ela volta satisfeita com as sobras (frutas e até um osso de pernil) que a patroa iria jogar fora.

Nas intrigas⁶ são marcantes as histórias passadas, pois essas trazem vivências definidas pelas estruturas sociais. Em “Olhos d’água” há presença acentuada das dificuldades financeiras enfrentadas na infância da protagonista, e são esses fatores que a influenciam de recordar a cor dos olhos da mãe, ou melhor sempre que a personagem tenta, ela encontra barreiras, vejamos: “lembro-me de muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum”, (EVARISTO, 2016, p. 16), nesse enunciado percebe-se que a realidade desfavorável vivida por ela a impossibilita de recordar qual, seria de fato, a cor dos olhos da mãe. De outro modo, o conto “Maria” traz a relação com os fatores sociais sendo no primeiro momento enfrentados pelo casal, mas logo em seguida a mulher assume para si as responsabilidades na criação dos filhos, pois ela é abandonada pelo companheiro, como se percebe nesse fragmento: “como era difícil continuar a vida sem ele. Ela se lembrou do passado” (EVARISTO, 2016, p. 42); a personagem se vê sozinha tendo que sustentar o filho do primeiro relacionamento e outros dois filhos fruto de relacionamentos posteriores, mas ela se mostra determinada em sustentar e não deixar faltar o mínimo para os filhos.

Segundo Piglia, “o conto é um relato que encerra um relato secreto. Não se trata de um sentido oculto que dependa de interpretação: o enigma não é outra coisa senão uma história contada de um modo enigmático” (PIGLIA, 2004, p. 91), e é nessa perspectiva que os contos de Evaristo são tecidos, pois trazem na narrativa experiências e vozes de mulheres negras que anseiam por mudanças em todos os níveis da sociedade. Além disso, lembramos as palavras de Ricoeur, “explicar uma narrativa é captar a estrutura sinfônica das ações segmentais” (RICOEUR, 2009, p. 96), ou seja, as narrativas projetam que os relacionamentos, as relações humanas, os discursos sejam ressignificados no texto.

Vejamos melhor no próximo tópico.

⁶ Faz-se necessário pontual a diferença entre *intriga* e *narrativa*, ambas trazem operações de significação social. A *intriga* faz parte da “narrativa na qual se expõe, de forma encadeada, uma série de acontecimentos que ocorrem a um ou a vários personagens”. Já a *narrativa* é “uma forma de associação imaginativa entre uma ou várias ações e um contexto ou mundo hipotético”. (MORA, 2016, p. 528)

4. ACEPÇÃO: “OLHOS D’ÁGUA” E “MARIA”

Os contos trazem aspectos narrativos que se assemelham e fazem com que o tempo ora esteja voltado para as personagens ora para a narrativa, nessa acepção o *logos* do enredo consegue atravessar e permanece inalterado nos dois contos. Nesse sentido, de acordo com Santos (2001) para narrar o tempo se faz necessário compreender a relação íntima com as palavras e seus sentidos, ou seja, existe uma interação direta entre eles. É exatamente essa interação que será destacada na comparação dos contos. Segundo Todorov a “análise da narrativa consiste dos termos: ação; personagens; reconhecimento [...]” (TODOROV, 2006, p. 84), pois a ação é definida pelo desdobramento das personagens e o reconhecimento de temas relevantes na sociedade, por exemplo, a violência, o abandono e a fome. Vejamos como esses aspectos são expressos na narrativa.

Notamos que se faz necessário a distinção de tempo da narrativa e tempo do discurso, já que estes tópicos são relevantes nesse estudo, isto é, acreditamos que o tempo do discurso pode ser entendido como consequência da representação narrativa do tempo da história. A partir de uma concepção de raiz estruturalista, diz-se que o tempo narrativo resulta da articulação das duas dimensões que é possível reconhecer: quer dizer “o tempo da história é múltiplo e a sua vivência desdobra-se pela diversidade de personagens que povoam o universo diegético; por sua vez, o tempo do discurso é linear e sujeito ao tempo da história à dinâmica de sucessividade metonímica própria da narrativa” (REIS, 1988, p. 294). Quer dizer que, o tempo do discurso seria articulação e velocidade dos fatos na narrativa, já o tempo narrativo se relaciona diretamente com duas categorias, sendo a primeira: a história e a segunda: as experiências das personagens. E é nessa estruturação que os contos são tecidos. Pois temos como ponto de partida o tempo-discurso que é concentrado em prol da realidade das personagens e o tempo narrativo também espelhado nas experiências passadas e presentes das protagonistas.

Entende-se que “todo texto constrói-se, assim, como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (BAKHTIN, 2006, p. 440), e é exatamente nessa composição que as narrativas são construídas, note-se nos trechos que seguem: “E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe [...]” (EVARISTO, 2016, p. 18), esse trecho pode se relacionar a este: “Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas” (EVARISTO, 2016, p. 43). Apesar de aparentemente as citações parecerem dispersas, notamos que ambos os fragmentos trazem a ideia de anseios advindos

dos sentimentos das protagonistas, que em nossa perspectiva, elas estavam vivendo na narrativa o tempo presente, mas as protagonistas demonstram-se relacionadas, e porque não dizer, como se estivessem “presas” a um outro tempo.

No primeiro conto, a personagem traz a ideia de tempo sendo representado através de suas memórias e elas se entrelaçam. Por vezes, a protagonista se vê perdida entre o presente e o passado, característica que já foi explicada por Carlos Reis, o qual apresenta a definição detalhada do que seria **tempo da história** e **tempo do discurso**, vejamos: “o tempo da história é múltiplo e a sua vivência desdobra-se pela diversidade de personagens que povoam o universo diegético; por sua vez, o tempo do discurso é linear e sujeito ao tempo da história à dinâmica de sucessividade metonímica própria da narrativa” (REIS, 1988, p. 294). Nesse sentido entendemos que no conto há articulação desses dois tempos, só que um acaba ganhando destaque maior, pois a personagem traz um detalhamento dos fatos que acabam delineando a narrativa. Vejamos abaixo:

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa [...] e a insistente pergunta martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. (EVARISTO, 2016, p. 15)

A narrativa começa já evidenciando o quanto a personagem se encontra em um estado de inquietação, pois está no presente, mas sua atenção está voltada para o passado. O tempo ficcional é estimulado consoante “atribuição de uma dimensão temporal aos eventos relatados, por meio de palavras ou expressões que recorrem” (SANTOS, 2001, p. 51), isto significa que os elementos que dão ênfase ao enredo e colaboram para criar as conexões dos dois tempos são a indagação, as expressões, ei-las: “uma noite; há anos; há dias; há meses”. Desta forma esses dados transmitem não só aspectos pragmáticos que intencionam, provocar o conflito de tempo como também a própria ideia de incertezas, denotada pela falta de lembranças sobre a cor dos olhos da mãe da personagem. E é justamente isso que provoca na história uma reviravolta surpreendente, pois:

A palavra não remete a uma realidade exterior. A dosagem dos dois planos de enunciação determina o grau de opacidade da linguagem literária: todo enunciado que pertence ao discurso tem uma autonomia superior, pois toma toda sua significação a partir de si mesmo, sem o intermediário de uma referência imaginária. (TODOROV, 2006, p. 58 - 59)

Todorov nos explica que a narrativa consegue envolver o discurso a enunciação de forma a acoplar os tempos na tecitura. Percebemos esse aspecto em “Olhos d’água” pois, a protagonista transmite as passagens de tempo trazendo para o corpo da intriga mais vivacidade nos elementos como a memória e o próprio espaço. Para Santos existe uma diferença entre enunciação e enunciado, pois “o sujeito da enunciação é todo agente que cria algum enunciado. Já o sujeito do enunciado é o ente que desempenha a ação a qual o enunciado faz referência” (SANTOS, 2001, p. 02). Nas narrativas as personagens exercem o papel tanto da enunciação quanto do enunciado, por exemplo: “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2016, p. 15), nesse fragmento há presença da enunciação advinda do fato exposto externo e do enunciado vindo do lado interno do sentimento de impotência por não lembrar a cor dos olhos da mãe.

Nessa perspectiva, o tempo presente apresentado na narrativa coloca em evidência a ideia de permanência de fatos já vivenciados, ou seja, “o presente é o tempo de base do discurso, porque marca a contemporaneidade entre a coisa enunciada e a instância de discurso: é, portanto, solidário do caráter sui-referencial da instância de discurso” (RICOEUR, 1995, p. 112), notamos pois que a personagem traz essas marcas em seu discurso: “acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca” (EVARISTO, 2016, p. 15), pelo enunciado é possível observar como o tempo está direcionando para o fato narrado.

Bakhtin conceitua que o tempo é entendido como “[...] o preenchimento do espaço sob a forma de um todo em formação, de um acontecimento, e não sob a forma de uma tela de fundo imutável ou de um dado ponto” (BAKHTIN, 2006, p. 112), entendemos que o tempo consegue estabelecer elos com os elementos da narrativa e as obras analisadas trazem essa relação através do posicionamento que as personagens evidenciam aos fatos. Atentemos: “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (EVARISTO, 2016, p. 41), nesse fragmento o episódio já havia ocorrido, mas o fato ainda ganha dimensões através da entonação percebida pelo discurso direto e pela gravidade sucedida, no qual o instrumento cortador traz possibilidade de ter sido algo mais grave e traz a ideia de um movimento cíclico.

Todorov anuncia que a narrativa literária apresenta uma relação inerente ao discurso, pois “fala-se a todo instante do acontecimento que se produz durante o próprio ato de falar; existe um paralelismo perfeito entre a série dos acontecimentos de que se fala e a série das instâncias do discurso” (TODOROV, 2006, p. 179), ou seja, percebemos em nossa leitura que

os contos analisados estão construídos com essa estrutura e esse paralelismo envolta dos acontecimentos são guiados a partir do discurso das personagens:

Sendo a primeira de sete filhos, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe [...] decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias [...] eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo [...] (EVARISTO, 2016, p. 15)

Os trechos são descritivos realistas e trazem consigo as características internas e externas da mãe, mas a personagem não consegue lembrar a cor dos olhos dela e essa dúvida a acompanha em toda a narrativa. A protagonista se recorda de momentos importantes da infância e adolescência e também dos aspectos físicos da mãe, percebemos que no conto esses momentos estão sempre envolvidos com sentimentos de sofrimento. E a partir da enunciação conseguimos abstrair a passagem do tempo da infância, adolescência até a vida adulta, a qual a personagem se encontra e o próprio ato enunciativo.

É assim definido nas palavras de Ricoeur de “o tempo humano”, pois segundo o autor “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo” (RICOEUR, 1995, p. 15), isso significa que o tempo está conectado diretamente as vivências das protagonistas, dos fatos narrados: “Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino!” (EVARISTO, 2016, p. 42), Maria lembrou-se do passado da gravidez do primeiro filho e da experiência que a maternidade produz nas mulheres, pois esse acontecimento só acontece no corpo feminino.

As narrativas expressam semelhanças nos discursos e principalmente “os textos se cruzam, se interpenetram, em jogo de espelhos” (SANTOS, 2001, p. 41), ou melhor, destacam questões do contexto contemporâneo, pois trazem profundidades ao abordá-los, dificuldades financeiras, problemas sociais, racismo, os vários tipos de violências que as mulheres sofrem.

A partir da abordagem sobre escrivência, a escrita originada a partir do sujeito (EVARISTO, 2007) destacamos ainda dois conceitos que foram fundamentais para se discutir sobre o tempo nesta monografia, são eles “cronotopo e exotopia”⁷, que tratam da relação

⁷ Cronotopo “é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto”.

Exotopia “designar uma posição no tempo, por exemplo, de um pesquisador que analisa um texto de outra época, enfatiza a dimensão espacial”.

AMORIM, Marília et al. Cronotopo e exotopia. Bakhtin: outros conceitos-chave, v. 2, p. 95-114, 2006.

espaço-tempo. “O primeiro foi concebido no âmbito estrito do texto literário; o segundo refere-se à atividade criadora em geral – inicialmente à atividade estética” (BAKHTIN, 2006, p. 94). A relação de reciprocidade nas narrativas é passível de identificação através da alternância entre os tempos: “Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum” (EVARISTO, 2016, p. 16), percebe-se que a narração traz as histórias da infância alcançando uma profundidade comovente advinda da pobreza da família.

Conforme Todorov existe “a possibilidade de considerar cada palavra como, antes de tudo, um depoimento sobre a realidade ou como enunciação subjetiva nos conduz a outra constatação importante” (TODOROV, 2006, p. 59), e é exatamente nessa perspectiva que “Olhos d’água” concentra o discurso advindo da personagem que traz a memória sendo afetada pelos problemas sociais.

Segundo Nunes o tempo “é o elemento da narrativa, assim como é o elemento da vida; está inseparavelmente ligado a ela como aos corpos no espaço” (NUNES, 1992, p. 346), isso significa em nosso ver que a narrativa consegue relacionar o tempo e espaço em concomitância com as vivências da protagonista fazendo que esta saiba que as mudanças começam a partir do olhar e do posicionamento perante os problemas. Vejamos no trecho:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. (EVARISTO, 2016, p. 16)

É possível verificar pelo trecho que a personagem, por vezes, vê sua história sendo refletida no ciclo de vida da mãe. Histórias que permanecem inalteradas apesar do tempo, isto é, o tempo torna-se igual ao da mãe, sem mudança, como uma espécie de reflexo permanente do passado. Ou seja, nos remete ao um destino (pré-destinado) de geração a geração, isto é “graças a tal deslocamento da atenção do enunciado narrativo para a enunciação, os traços propriamente fictícios do tempo narrativo adquirem um relevo distinto” (RICOEUR, 1995, p. 110), dessa forma, a narração passa a desempenhar o ponto de ligação entre os fatos relatados e as circunstâncias posteriores advindas na história da protagonista:

A passagem de uma narrativa a outra é possível graças à existência de um código. Esse código não é invenção pessoal do autor da demanda, ele é comum a todas as obras da época: consiste em ligar um objeto a outro; podemos facilmente conceber a constituição de um verdadeiro léxico. (TODOROV, 2006, p. 173)

Os contos contam com a perspectiva, que nesta monografia percebemos a partir do foco narrativo, de uma mulher negra que é mãe, chefe de família e nos trazem reflexões sobre diversos pontos e a relação dela no ambiente de trabalho. Em “Olhos d’água” a figura feminina reluta atrás de memórias e momentos que possam trazer a cor dos olhos da mãe, já o conto “Maria” traz um encontro com ex-cônjuge de Maria que a envolve indiretamente no assalto no qual sucedeu-lhe a morte. E incluem histórias de mulheres fortes que lideram protagonistas, a narrativa a partir do foco que tornam verossimilhante o contexto dos espaços vivenciados por outras mulheres negras.

Atributos marcantes das personagens que salientamos é que elas são mães e chefes de família. Desde a infância elas seguem perseverantes e não decaem frente às diversidades sociais. As duas possuem empenho em proporcionar um futuro melhor para os filhos. Também as personagens são envolvidas pelo tempo psicológico, isso significa que, “é um tempo marcado por experiências individuais, diretamente relacionado com o fluxo de consciência dos sujeitos ficcionais” (SANTOS, 2001, p. 57), em que algumas vezes as protagonistas trazem ocasiões de memórias para o discurso, exemplos: “eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela” (EVARISTO, 2016, p. 15); “Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco” (id. p. 42), pelos trechos identificamos o quanto as memórias integram sensações e momentos marcantes vivenciados pelas personagens.

Com relação aos espaços destacamos que as narrativas movimentam-se entre ambiente doméstico e urbano, no qual o primeiro acontece dentro de uma casa (dos patrões), especificamente no quarto, já o segundo se concentra em ambiente urbano na volta para casa depois de um dia de trabalho, no ponto do ônibus. Isto é, os espaços destacados nas narrativas revelam “tanto configurações sociais – chamado espaço social – quanto configurações psíquicas – o espaço psicológico” (SANTOS, 2001, p. 79). E esses dois espaços ganham profundidade a partir da narração das personagens, “E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento” (EVARISTO, 2016, p. 17) esse trecho deixa acessível tanto as configurações sociais quanto as psicológicas que o espaço despertava nas lembranças da personagem. O mesmo acontece com a outra narrativa: “Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas” (EVARISTO, 2016, p. 43) nesse fragmento o espaço da narrativa é envolvido por

sentimento de angústia afetada pelo medo de deixar os filhos órfãos, além de que ambos textos estão articulados nos tempos: presente, passado e futuro.

O trecho a seguir retirado do conto “Maria” traz semelhança ao anterior, pois traz em seu enredo situações que se aproximam do conto “Olhos d’Água”. Carlos Reis explica que, “num texto narrativo há sempre fragmentos discursivos portadores de informações sobre as personagens, os objetos, o tempo e o espaço que configuram o cenário diegético” (REIS, 1988, p. 23), isso significa que, os textos configuram e compartilham as vozes e as demandas que são enfrentadas por mulheres no contexto social e não importa o ambiente, o cenário, o tempo ou espaço. Entendemos que as experiências trazem marcas nas memórias descritivas das personagens. Vejamos na citação do conto:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! [...] quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. (EVARISTO, 2016, p. 383- 384)

A partir desse trecho é possível observar através da descrição narrativa que “a modelização secundária opera com as fundamentais categorias da narrativa, do tempo ao modo, passando pela personagem, pela representação do espaço e pela estruturação da ação” (REIS, 1988, p. 57). Desta feita, percebemos que tanto o tempo passado, quanto o presente ganhara destaque através da narração, pois a ação dada a cada passagem é reconhecida pelo posicionamento da personagem que ora traz o tempo voltado para ela ou ora volta para a narração da história.

Nesse conto, identificamos dois momentos cruciais da história de Maria: o primeiro antes de embarcar no ônibus, no qual ela conta como foi o dia de trabalho. Neste trecho, dada a descrição Maria estava muito cansada e feliz por ter ganhado uma gorjeta e alguns alimentos para levar para os filhos. Em segundo momento, dentro do ônibus, em que se tem o desenrolar da história da personagem. Ela reencontra seu ex-companheiro e a partir desse encontro, ela faz uma volta ao passado, relembando momentos felizes ao lado dele, que para nós, segundo as anotações de Todorov isso significa que o tempo é aqui constituído pelo encadeamento de

inúmeras instâncias do discurso; ora, estas definem a própria ideia do presente. Ou seja, “Fala-se a todo instante do acontecimento que se produz durante o próprio ato de falar; existe um paralelismo perfeito entre a série dos acontecimentos de que se fala e a série das instâncias do discurso”. (TODOROV, 2006, p. 179).

E é nessa conjectura que o discurso de Maria ganha versões, pois traz perspectivas diferentes: a primeira relacionada ao trabalho; a segunda situação apresenta a personagem no ônibus reencontrando o ex-companheiro acarretando rememoração do passado ao lado dele, mas apresenta também a situação do assalto que permite Maria fazer uma projeção ao futuro dos filhos, ou seja, temos a presença dos três tempos: presente, passado e futuro na mesma instância do discurso narrativo.

Ricoeur explica que “o tempo da narrativa” permanece no decorrer da narração e “em particular é afetado pelo modo com que a narração se estende por cenas em forma de quadros ou se apressa de tempo forte em tempo forte” (RICOEUR, 1995, p. 135), ou seja, ao aproximar o tempo presente das memórias passadas a personagem coloca em cena as suas origens e além disso, traz para perto de si experiências passadas:

[...] e também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras de sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2016, p. 19)

Pelo trecho observamos que a personagem faz menções aos ancestrais para dar ênfase aos acontecimentos e destacar que eles não a fizeram desistir de buscar forças em suas raízes. Conforme Santos, “todos nós estamos inseridos em uma cultura. Por maiores que sejam as particularidades de cada indivíduo, compartilhamos formas de atribuir sentido ao mundo e aos textos que nos cercam” (SANTOS, 2001, p. 15), assim entendemos a partir das invocações da protagonista: “eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais... nossas Yabás⁸”. Na citação ressalta-se a importância de estar conectado as raízes, além de trazer sentido para a personagem que se reconhece em determinado lugar de pertencimento, neste caso, religioso. Além do mais, mostram o quanto os laços afetivos das heranças familiares são fontes de inspiração e a impulsionaram a elucidar suas incertezas advindas das falhas de memórias:

[...] naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar a cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar

⁸ A palavra “Yabá” quer dizer “Mãe Rainha”. Na África era um título apenas atribuído aos orixás Yemanjá e Oxum, entretanto no Brasil se estendeu a todos os outros orixás femininos. (ARAÚJO, 2017, p. 22)

no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. [...] e quando, após longos dias de viagem para chegar a minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (EVARISTO, 2016, p. 19)

Os trechos ocasionam o reencontro da protagonista com sua mãe um momento sinestésico, no qual elementos da cultura ancestral africana representam histórias ligadas ao sofrimento humano. E apresentam “a lei da verossimilhança: todas as palavras, todas as ações de uma personagem devem concordar numa verossimilhança psicológica — como se, em todos os tempos, se tivesse julgado verossímil a mesma combinação de qualidades” (TODOROV, 2006, p. 106), e é nesse aspecto que lemos o trecho “eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face” (EVARISTO, 2016, p. 19). Assim destaca-se o mais íntimo dos sentimentos humanos - o amor materno - envolvido em tantas dores, problemas sociais e históricos, mas que permanecem inalterado em meio as barreiras culturais:

[...] hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. Em um dia desse me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: - Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2016, p. 19)

Já no final do conto encontramos a mesma indagação que deu início a construção dele, só que agora sendo direcionada para a personagem. Isso significa que ela se subfaz na narrativa, ou, dito de outra forma, “a narração pode também ser contemporânea do evento, como se fosse um relato momento-a-momento (presente), e pode ainda começar depois de se ter iniciado o evento, mas não antes de ele ter terminado” (REIS, 1988, p. 112), pois a repetição provocada no final do conto produz marcas socioculturais, históricas e econômicas sendo agora refletidas na filha (neta): “como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Vejamos no trecho citado: “Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: - Mãe, qual é a

cor tão úmida de seus olhos?” (EVARISTO, 2016, p. 19). Desse aspecto, compreendemos que os mesmos problemas de confrontação na infância da protagonista são revividos na filha, ou melhor, três gerações diferentes passando em tempos distintos situações correlacionadas. Mas, nessa passagem final do conto “Olhos d’água” temos uma reviravolta da história, já que a filha transmite/recupera que a cor dos olhos da mãe não se resume só em lágrimas, pois agora estão úmidos porque transmitem/representam lágrimas de alegria e não mais de tristeza como da avó materna. Pois de fato há uma mudança na perspectiva social da mãe.

Já no conto “Maria” temos um reencontro baseado em saudade de um passado histórico:

[...] e o menino, Maria? Como vai o menino? Cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros...outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É ela teve mais dois filhos, [...] (EVARISTO, 2016, p. 42)

Nessa passagem do conto, o homem o qual Maria teve um relacionamento indaga a respeito da vida íntima dela. Há nesse trecho um desabafo com tom de questionamento, além disso, a mulher assume para si um tom de culpa de ter tido outros relacionamentos e filhos também. A culpa que Maria assume “são estereótipos sociais largamente difundidos e assumidos inclusive entre suas vítimas, estereótipos que funcionam como poderosos elementos de manutenção da desigualdade e da discriminação” (DUARTE, 2009, p. 86), percebemos que apesar do abandono e ter que assumir a responsabilidade da criação do filho sozinho, a mulher se reconhece como culpada por ter tido outros relacionamentos.

Nesse aspecto a narrativa nos revela um encontro do “mundo do texto” com a vida real, pois é: “uma experiência fictícia cujo horizonte é um mundo imaginário, que continua sendo o mundo do texto” (RICOEUR, 1995, p. 181), ou seja, a escrita de Evaristo traz uma relação direta com acontecimentos que são comuns e direcionados as mulheres. Vejamos:

[...] ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. (EVARISTO, 2016, p. 43)

É possível identificar nos trechos que a personagem se encontra envolvida por uma mistura de sentimentos, até ser surpreendida com o assalto o qual o pai de seu filho faz parte. Nesse momento da narrativa, ela entra no estado de choque sem reação, uma espécie de anestesia. E é justamente nesse estado de choque que nos deparamos com a narrativa voltada para personagem do mesmo modo que é voltada para o tempo (a personagem está no passado relembrando momentos felizes e ela dá um salto de volta para o momento presente), verificamos que “a configuração narrativa a se transformar na da refiguração do tempo pela narrativa” (RICOEUR, 1995, p. 181). Vejamos que Maria passa por um estado de fantasia nesse trecho: “desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho” (EVARISTO, 2016, p. 43). Percebe-se que Maria imagina esse momento singelo vindo do homem, e após isso é surpreendida com o assalto. Tem-se dois acontecimentos: um imaginado e outro fato narrado (se destaca o tempo psicológico), e em seguida ela faz uma projeção para o futuro, pois agora ela temia que os filhos ficassem órfãos de mãe, já que não tinham a presença paterna:

[...] era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex- homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. (EVARISTO, 2016, p. 43)

Nesse parágrafo nos deparamos com a surpresa da personagem ao saber que o ônibus estava sendo assaltado e que seu ex- companheiro era o mentor do crime, além disso, Maria foi a única a não ser abordada pelos assaltantes. Nessa perspectiva constatamos que “a memória produz uma multiplicidade de pontos de vista” (SANTOS, 2001, p. 83), percebemos que Maria custa acreditar e aceitar que não foi assaltada por conta de conhecer um dos assaltantes. Além disso, ela traz para si toda uma experiência nada agradável que teve durante sua jornada de trabalho, sem perceber a real situação da ação dos assaltantes ao se voltarem para ela:

[...] os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha

descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. (EVARISTO, 2016, p. 43)

Nessa conjectura dos acontecimentos a personagem está ainda envolvida e conectada a última conversa que teve com o homem, notamos: “Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro... foi quando uma voz acordou a coragem dos demais” (EVARISTO, 2016, p. 43). No trecho, percebemos o quanto a personagem ainda esperava algo mais, mas foi novamente despertada para atual situação. Nesse momento Maria enfrentou acusações dos passageiros do ônibus, injúrias direcionadas a cor da pele, vejamos as palavras: “Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois...” (EVARISTO, 2016, p. 43). Essas atitudes dos passageiros são explicadas como sendo: “estereótipos sociais largamente difundidos e assumidos inclusive entre suas vítimas, estereótipos que funcionam como poderosos elementos de manutenção da desigualdade e da discriminação” (DUARTE, 2009, p. 86), ressaltamos que ao ofender alguém, o caráter associado à cor como forma de diminuir devido a cor de pele da pessoa faz com que o preconceito racial continue ainda sobre a questão que segue, o fato de ser mulher e ainda negra.

[...] Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. (EVARISTO, 2016, p. 43)

Percebe-se pelo trecho que Maria já está sem paciência com tanta desconfiança e ofensa vinda dos passageiros, ela acaba ponderando: “que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém” (id., ibd.), por meio da expressão a personagem mostra as insatisfações de ser acusada sem ter cometido crime algum. E essas ações destacadas no texto literário, continuam a se repetir. Logo em seguida começam a violência verbal e física contra ela, a ação e a reação dos passageiros são somadas ao fato narrado. Ricoeur explica que a narrativa tende “explorar os níveis hierárquicos que constituem a profundidade da experiência temporal” (RICOEUR, 1995, p. 183), por isso temos vozes explícitas acusando a personagem que demonstram as características destas camadas sociais:

[...] Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos

armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. (EVARISTO, 2016, p. 44)

A partir da leitura desse trecho percebemos a profundidade dos discursos de violência tanto verbal, quanto física e que deixam a personagem/vítima sem o direito de provar inocência. A brutalidade contra Maria na narrativa imprime “o eco de uma consciência negra que poderia ressurgir num discurso engajado na luta contra qualquer tipo de opressão. Negar a possibilidade de coexistência de várias vozes no interior do discurso literário seria negar sua natureza ambígua e polissignificativa (BERND, 2011, p. 35). Ou seja, nos mostra que atitudes/ações/pensamentos como as dos passageiros precisam ser combatidas e principalmente que vozes negras sejam ouvidas e respeitadas. Além disso, esse tipo de discurso refere-se ainda a condição que a personagem foi morta, as instâncias pragmáticas, ou seja, na intencionalidade da narrativa que revela os problemas estruturais, sociais, históricos e culturais que afligem as mulheres.

A velocidade que os fatos são narrados geram uma rápida conexão e envolvimento aos acontecimentos, pois na narrativa temos: “Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2016, p. 44), percebe-se como tudo acontece ao mesmo tempo, a morte violenta o pensamento da mulher projetando e imaginando transmitir o recado de um gesto de carinho advindo do pai, e qual seria a reação dos filhos experimentarem melão pela primeira vez, todos acontecimentos sendo simultaneamente narrados em direção a personagem:

A velocidade imprimida ao relato é uma consequência da atitude mais ou menos seletiva adotada em relação à pluridimensionalidade e ao alargamento temporal da história: o narrador pode tentar respeitar o mais fielmente possível as dimensões temporais da história, o que em princípio implica uma narrativa de velocidade sincronizada com os fatos a narrar, ou então, pelo contrário, pode preferir um comportamento seletivo, escolhendo os eventos a reter (e, desde logo, o seu desenvolvimento temporal), o que se traduzirá numa narrativa de velocidade em certo sentido mais rápida do que a história. (REIS, 1988, p. 297)

Para Todorov “a narrativa literária, que é uma palavra mediatizada e não imediata e que sofre além disso os constrangimentos da ficção, só conhece uma categoria “pessoal” que é a terceira pessoa, isto é, a impessoalidade” (TODOROV, 2006, p. 60), em outras palavras a narrativa consegue correlacionar ficção e realidade, tornando assim um elemento diferenciado capaz de ativar reciprocidade: “- Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher

de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos [...]” (EVARISTO, 2016, p. 44). Nesse trecho temos a voz do motorista que conduzia o ônibus, pretendendo controlar os ânimos dos passageiros com relação Maria, pois todos estavam acusando, e destacamos que a opinião do motorista não trouxe receptividade por parte dos envolvidos na violência.

Nunes ilustra que “o tempo da narrativa, como obra ficcional, varia conforme a relação entre os dois tempos – o efetivo discurso e o imaginário da história” (NUNES, 1992, p. 351), ou seja, no conto “Maria” o imaginário da personagem é aguçada ao encontrar seu ex-cônjuge como podemos ler adiante: “ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho” (EVARISTO, 2016, p. 43). Nesse trecho ainda é possível ressaltar no final da narrativa que a personagem fantasia um gesto fraternal advindos do homem, ela romantizou o reencontro na esperança de reviver uma possível aproximação do casal.

Há de se notar que o conto “Maria” destaca os problemas históricos, contra a população negra no Brasil. Vale ressaltar que Evaristo na composição dos contos propõe discutir alguns comportamentos racistas, machistas e culturais próprios não somente da sociedade brasileira, revelando:

Um verdadeiro modo de ser negro, logo, uma real identidade negra, se construirá na medida em que os negros conseguirem curar-se de sua amnésia cultural e tomarem as rédeas de seu destino histórico. Este seria o passo adiante através do qual o negro deserdado, recuperaria a sua essência de homem, passando a produzir os meios de sua própria história. (BERND, 2011, p. 42)

A narrativa apresenta dentre os discursos diretos, vozes de homens negros acusando Maria de coparticipação no assalto, sendo que as consciências dessas falas estão contaminadas por discursos estereotipados advindos de laços hierarquizados da relação branco e negro tido, sendo o primeiro considerado superior e nas relações de poder o negro passa a se sentir inferiorizado e praticando os mesmos atos com o próximo. Após a leitura do conto, cabe aos leitores a seguinte reflexão sobre a atitude dos passageiros: será que o mesmo aconteceria se a protagonista fosse uma mulher branca? Será que as marcações “negra safada” acerca da classificação racial, seriam comparativas? Provavelmente, assim como na literatura, na sociedade em que se vive, a resposta a essa pergunta seria: não. Ou melhor, “a identidade é um conceito que não pode afastar-se do de alteridade: a identidade que nega o outro, permanece no mesmo. Excluir o outro leva à visão especular que é impossível conceber o ser

fora das relações que o ligam ao outro (BERND, 2011, p. 17). Isso significa que as atitudes dos passageiros vão ao encontro do recusar, pois se afastam na tentativa de se sentirem superiores aos que de fato empreenderam no assalto. Entendemos que eles ofenderam e mataram a personagem, não para se defenderem dela, mas sim para de certa forma, externalizarem a revolta quanto ao ocorrido no universo narrativo.

Os contos analisados trazem traços verossimilhantes que englobam a enunciação narrativa, sobre este ponto Ricoeur elucida que o: “tempo cronológico: é um tempo de leitura mais do que de escrita; só se mede seu equivalente espacial que se conta em número de páginas e de linhas. Quanto ao tempo narrado, é contado em anos, meses, dias e, eventualmente, datado na própria obra” (RICOEUR, 1995, p. 138). E é exatamente nessa conjectura que os contos de Evaristo são tecidos, pois o primeiro conto traz o tempo cronológico delineado através dos fatos mencionados na intriga, e o segundo conto caminha nesta mesma direção, envolvendo o leitor do começo ao fim. Ou seja, “o texto narrativo, como qualquer outro texto, não tem outra temporalidade além daquela que toma emprestado metonimicamente de sua própria leitura” (RICOEUR, 1995, p. 140), isto é a narrativa acaba exercendo o papel elementar, pois direciona através dos acontecimentos a tomada de interpretação.

Os contos analisados apresentam concomitância em relação ao passado, por vezes histórico, por outras da personagem. E no tempo presente essa conexão só é possível através da memória, pois as personagens fazem com que a narrativa seja direcionada de acordo com as ações que são consequentes aos fatos contados, isso significa que:

No cronótopo literário tem lugar a fusão dos conotados espaciais e temporais num todo dotado de sentido e concretude. O tempo se faz denso e compacto e torna-se artisticamente visível; o espaço intensifica-se e insinua-se no movimento do tempo, do entrecho, da história. (REIS, 1988, p. 208)

Vimos então que, as narrativas trazem o tempo voltado totalmente para as protagonistas, pois essa característica traz profundidade para narração, além de tornar os fatos mencionados verossímeis. Ou seja, “uma vez que o próprio ato de contar não só tenta representar essa temporalidade, como se inscreve, ele próprio, no tempo” (REIS, 1988, p. 67), e é nessa sintonia que os contos são estruturados, uma vez que em “Olhos d’água” a personagem-narradora é quem direciona a história à disposição do tempo e a recuperação da memória. Já no conto “Maria” apresenta a narrativa situada na aproximação de acontecimentos vivenciados no trabalho com perspectiva da volta para casa e ao embarcar no ônibus recupera as memórias afetivas vividas ao lado do ex-cônjuge.

Igualmente, entendemos que o narrador assume tarefa primordial na narrativa, pois “cabe a tarefa de denunciar o discurso [...] sendo assim, a narrativa constrói-se através de uma série de convenções que se revelam a partir do ponto de vista escolhido” (SANTOS, 2001, p. 04), em outras palavras o narrador assume qual será perspectiva levantada no discurso, tal como ambos os contos apresentam abordagens específicas perante os assuntos que constituem a temática. Em “Olhos d’água” a narradora demonstra apreciação dos problemas sociais, históricos, que afetam diretamente a memória do sujeito, dado que influencia na reconstrução de memórias afetivas. Já na segunda narrativa, a crítica é sobre prejulgamentos direcionados as mulheres negras, desde as ofensas, violências psicológicas, verbais, físicas.

Importa destacar que a “narração implica, antes de tudo, a determinação do tempo em que decorre, determinação necessária, sobretudo para se definir o tipo de conhecimento que o narrador possui acerca da diegese que relata e a distância a que se coloca” (REIS, 1988, p. 60), isso significa que através da narração conseguimos definir as particularidades do personagem, pois em “Olhos d’água” nos apresenta uma narradora que imprime ações subjetivas e concretas com relação ao tempo, como podemos ler em seguida: “(...) Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas” (EVARISTO, 2016, p. 16). A narradora-personagem consegue unir suas memórias afetivas passadas trazendo sagacidade nos relatos e principalmente provocando reflexões sobre o brincar na infância, a simplicidade dos gestos da mãe ao deixar o trabalho de lavadeira para proporcionar as filhas uma diversão concomitante.

Em conformidade com Schmid, a “ficção deveria ser preferivelmente entendida como a representação de uma distinta, autônoma e interna realidade literária” (SCHMID, 2014, p. 01), ou seja, os contos analisados trazem aspectos ultrassensíveis e de fácil envolvimento com os espaços e vivências do mundo real, isto é, os acontecimentos geram reciprocidade ao leitor.

Nesse aspecto, consideramos, que as histórias dessas mulheres nos trazem ruptura fazendo com que a ficção e acabe se tornando verossimilhante, “a perspectiva narrativa condiciona a imagem que da história se faculta, com inevitáveis projeções subjetivas e incidências semio-estilísticas” (REIS, 1988, p. 68), isso significa que são somados aos elementos as ideias culturais advindas dos comportamentos dos personagens secundários que exercem o papel de opressores. No primeiro conto quando é narrado “As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos” (EVARISTO, 2016, p. 16) significam nesse contexto que os comportamentos das meninas eram condicionados para não “atiçar” a malícia masculina, pois sabe-se que historicamente, em grande maioria as

meninas são abusadas ainda quando crianças⁹. E infelizmente essa cruel realidade ainda faz parte do cotidiano feminino, não apenas no Brasil.

Já no segundo conto, esses fatos são mais enfatizados, pois os personagens secundários são a patroa, os passageiros, dentre os quais a patroa representa uma classe que não se importa com os funcionários e muito menos com a vulnerabilidade desses¹⁰, pois, Maria trabalha com um corte na mão, pela narração não recuperamos um gesto da patroa para cuidar dos ferimentos de Maria. Os passageiros estão no grupo dos que fazem “justiça com as próprias mãos”, que denegam a pessoa de cor preta (isso é um reflexo de apagamento cultural) e são machistas. Vejamos conforme analogia de Reis (1988):

Paul Ricoeur formula nos seguintes termos a “hipótese de base” que domina a sua reflexão sobre a narrativa: existe entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. (REIS, 1988, p. 76 apud Ricoeur, 1983)

Entendemos as atitudes e comportamentos dos personagens secundários na narrativa, esclarecimento que advém das interações transculturais, em que são frutos das intensas influências da cultura hegemônica que sempre colocaram o negro em plano inferior, sendo incapazes de reivindicar direitos. Mas as narrativas apresentam esse contexto transcultural trazendo posicionamento para mudanças de comportamento, ou melhor origina nesse contexto, o discurso afrodescendente que busca a “ruptura com os contratos de fala e escrita

⁹ Conforme dados apontados no *Anuário brasileiro de segurança pública 2022* “Em relação ao sexo da vítima, 85,5% são meninas, mas meninos também são vítimas. Interessante aqui observar que o número de registros aumenta conforme a menina vai crescendo, já no caso dos meninos, o número de registros aumenta até os 6 anos (com pico entre 4 e 6) e depois começa um processo de queda. Penso aqui em duas hipóteses: a primeira é de que, em um país machista como o nosso, os meninos vão sendo mais respeitados conforme crescem e deixam de ser objeto desta violência; a segunda é de que, justamente por sermos um país machista, os meninos, por constrangimento, denunciam ainda menos que as meninas as violências sexuais que sofrem.” (BRASIL, 2022, p. 06). Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2022.

¹⁰ De acordo com a Diretoria de Estudos e políticas sociais do Instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA) na publicação “Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de covid-19 no Brasil” (2020) “As trabalhadoras domésticas representam, hoje, cerca de 6 milhões de mulheres no Brasil, o que corresponde a quase 15% das trabalhadoras ocupadas (10% das brancas e 18,6% das negras). O emprego doméstico se revela, portanto, de enorme importância não apenas para um conjunto particular de mulheres, que encontra nesta profissão uma de suas únicas alternativas de renda, mas também para a organização da sociedade brasileira. Isso porque, ainda que o trabalho de cuidados e de reprodução da vida seja de responsabilidade ampla – de famílias, do Estado e do mercado –, é forçoso reconhecer que, no Brasil, retirando-se um insuficiente esforço de oferta de creches públicas, praticamente inexistem políticas públicas ou iniciativas empresariais destinadas a compartilhar os cuidados e torná-los uma responsabilidade social. O trabalho doméstico e de cuidados segue, assim, sendo de responsabilidade das famílias, e, nestas, das mulheres (elas integrantes das próprias famílias ou contratadas para este fim).” (BRASIL, 2020, p. 09). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200609_nt_disoc_n_75.pdf. Acesso em: 19 dez. 2022.

ditados pelo mundo branco”, objetivando a configuração de “uma nova ordem simbólica” que expresse a “reversão de valores” (DUARTE, 2009, p. 86), ou seja, a abordagem feita na narrativa também provoca um ato de conscientização sobre os comportamentos sociais inadequados, como o racismo ou xenofobia, entre outros. A nosso ver, a denúncia é posta no âmbito literário para que se possa pensar na mudança urgentemente, pois esses atos geram violências e discriminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos contos “Olhos d’água” e “Maria” de Conceição Evaristo nos proporcionou adentrar no universo construído para ilustrar as experiências sentidas por mulheres negras, que apesar das dificuldades nos trouxeram muitas aprendizagens, e principalmente fizeram experimentar em tempos diferentes histórias que por mais individualizadas que sejam trouxeram aproximações nos sentimentos que foram expostos através do tempo. Se considerarmos que “a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 1995, p. 15), essas experiências com relação ao tempo podem ser delineadas a partir da imersão ao mundo subjetivo dos personagens que nos contos destacam as memórias afetivas influenciadas por problemas externos. Sobre esse aspecto, vejamos o trecho: “Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2016, p. 18), a personagem recorda dos momentos relacionados ao universo religioso da mãe, mas não lembra a cor dos olhos dela, e isso afeta na reconstrução e no andamento das tarefas diárias, pois ela não consegue se concentrar.

Os tempos são articulados em função das personagens. Visto que as narrativas têm compromisso a serviço social e gera uma responsabilidade ética. Conforme Ricoeur “[...] a leitura indica a interseção entre o mundo do texto e o mundo do leitor” (RICOEUR, 1995, p. 163), de tal forma que as narrativas trazem histórias de mulheres negras que perpassa a ficção e entram na realidade, pois provocam correlação nos leitores a partir dos fatos narrados. No conto “Maria” a reciprocidade é imediata, pois atinge o emocional e ocasiona para possíveis soluções. Ou melhor, “qualquer ponto de vista é o convite dirigido a um leitor para que oriente seu olhar na mesma direção que o autor ou o personagem; por sua vez, a voz narrativa é a palavra muda que apresenta o mundo do texto ao leitor” (Id, 1995, p. 163), nesse aspecto,

o mundo da narrativa transmite novas posturas com relação os problemas levantados na narrativa.

Consideramos ainda o que se elucida a seguir: “no texto narrativo há sempre fragmentos discursivos portadores de informações sobre as personagens, os objetos, o tempo e o espaço que configuram o cenário diegético” (REIS, 1988, p. 23), dito de outra forma esses fragmentos discursivos possuem finalidade social retida através das marcas dos efeitos discursivos, como podemos ler em “Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para minha família; ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe” (EVARISTO, 2016, p. 17), podemos perceber que se conserva dentre os efeitos de consistência os fatos vindos do mundo ficcional adentrando ao mundo real, e vice-versa, pois essas correspondências representam vivências, em que a protagonista deixou a casa materna para ir à busca de uma situação de vida melhor, histórias que tem como pano de fundo a fome, e é exatamente essa dinâmica entre ficção e real trazem profundidade diegética. Ou seja, “uma das características básicas de um texto narrativo artístico é sua ficcionalidade, isto é, a condição em que o mundo representado nela é fictício. [...]”. (SCHMID, 2014, p. 01).

Nessa perspectiva, os contos analisados trazem a ficcionalidade semelhante a verossimilhança, em que a narração parte de um lugar comum como espaço e tempo transmitem desejos e sensações que aproximam as personagens ao idealismo factual concreto. O intuito da monografia destinou-se revelar a similaridade das narrativas em relação aos tempos: passado histórico e presente que possibilitou vislumbrar a profundidade dessa relação com as memórias das personagens. E de fato os tempos são guiados a favor das projeções que as protagonistas fazem em relação à narração do enredo.

“Olhos d’água” nos transmite ao longo da narrativa uma (re)construção. Essa busca repassa por vários níveis sociais, desde econômico, religioso e social e essa temática traz histórias repetidas como se elas fossem um sinal por mudanças de perspectiva. Já o conto “Maria” conduz a narrativa para autorreflexão de situações vivenciadas no contexto das mulheres, principalmente a mulher negra que sofre com os resquícios de uma colonização desumana vivenciada pela população negra. Na intriga Maria é morta, sem direito a defesa, os passageiros são elencados como os vilões. A morte violenta sofrida pela protagonista só nos remete o quanto os seres humanos são cruéis consigo mesmos, pois há presença de discursos hegemônicos nas atitudes e nas vozes dos passageiros. Nesse sentido, “o mundo fictício pode alcançar um maior grau de significância para o leitor. O leitor pode envolver-se com os referentes intratextuais, por exemplo, as personagens e suas ações, como se elas fossem dados reais, individuais e concretos [...]” (SCHMID, 2014, p. 08). Ou seja, o espaço fictício ajuda a

compreender as relações interpessoais e como essas são construídas a partir de discursos elaborados historicamente, a exemplo, temos a morte da personagem na narrativa que só reafirma que ações partem de relações desiguais anteriormente criadas.

O tempo se relaciona diretamente com a memória trazendo ênfase de uma relação que ultrapassa gerações e através das experiências das personagens que fazem com que tudo seja delimitado e aprofundado por meio da narração. As personagens deixam imersões externas (problemas sociais) afetarem os sentimentos. Nessa perspectiva, as protagonistas fazem com que o tempo possua dinamismo e permaneça estático em alguns momentos. Dinâmico enquanto narrativo, pois desperta no leitor o interesse e a reflexão sobre a abordagem. Estático enquanto uma reposição de tempos que se repetem como estruturas sociais, culturais que refletem em diferentes gerações.

Desta forma, através das narrativas analisadas constatamos o quanto elas são verossimilhantes nos discursos. Nesse aspecto relevamos que a partir do texto literário “passa-se a pensar que o que interessa não é a intenção do autor, mas como essa intenção realmente ganha forma no espaço textual, o modo pelo qual se concretiza em palavras” (SANTOS, 2001, p. 11), quer dizer que o pragmatismo contido nas narrativas potencializam nos discernimentos sobre os temas abordados nos discursos, além disso, despertam no leitor movimentos ativos favoravelmente para as mudanças necessárias apontadas na diegese.

É relevante ressaltar que o tempo é articulado de acordo com as projeções que as personagens fazem dele, pois elas conduzem a narração tanto em funções das memórias quanto ao um futuro desejado, e essa articulação provoca um fenômeno de recepção humanizada, por abordarem temas contemporâneos que envolvem a mulher negra. A figura feminina é marcante nas narrativas, e destacam a maternidade como laço que une e que sofre influências exteriores que afeta na memória, e também os discursos engessados das classes dominantes tidas como “superiores”, que inferioriza os negros de forma geral. E são vozes marcadas por preconceitos de todos os tipos.

As obras da escritora Conceição Evaristo nos trazem infinitas possibilidades e estimulam para novos ângulos de estudo, além do mais esse estudo abre para outras possibilidades de pesquisa com as narrativas, a exemplo, os dois contos nos aproximam muito com as canções do Marabaixo (pois possibilitam relacionar as vivências das personagens com os relatos das dançarinas do Marabaixo¹¹, as memórias de discriminação que são levantadas

¹¹ O Marabaixo é uma dança de origem africana trazida pelos negros escravizados vindos da África para o Amapá, sendo atualmente a maior manifestação cultural do Estado. Uma das festividades do Marabaixo é o seu ciclo anual, que se inicia após a Semana Santa, manifestado nas comunidades negras, com homenagens ao

nas músicas). Outra possibilidade de investigação que nos despertou a partir dessa monografia seria análise da recepção dessas obras em outros idiomas, será que causaria as mesmas sensações? Qual a receptividade da obra? Quais as discussões levantadas a partir das traduções?

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Juliana Leandro de. **Obínrin Yabás, suas joias e adornos contemporâneos**. Bauru, 2017.

BAKHTIN, M. M. **Outros conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2006.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 3 ed., - Porto Alegre: Editora: da UFRGS, 2011.

CARRÉ, J. M. Prefácio. IN: Guy ard. M. F. **A Literatura Comparada**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1956.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

CORTÁZAR, Júlio. **Contos alguns conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci. Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DOS REIS, Carlos António Alves; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. Editora Ática, 1988.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-brasileira: elementos para uma conceituação**. Acervo, Rio de Janeiro, v. 22, nº 2, p. 77-90, jul/dez 2009. Disponível em: <<http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/viewFile/53/45>>. Acesso em: 05.jun.2022.

Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, onde o culto religioso se mantém vivo, com os rituais religiosos que se iniciam no domingo de Páscoa, sempre com homenagens à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo.

CALDAS, Yurgel Pantoja; MACIEL, Kerllyo Barbosa; ANDRADE, Estrela Veg Cruz. Marabaixo: identidade e cultura de resistência. *identidade!*, v. 23, n. 1, p. 26-43, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____, **Olhos d'água**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

_____, **Conceição Evaristo—Literatura Afrobrasileira**. 2022.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 16-21.

GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Tradução: Fernando Cabral Martins. Vega, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Memória, história, testemunho**. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.

NUNES, Benedito. **O Tempo Narrativa**. São Paulo. Editora: Ática S. A, 1992.

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo. Editora: Schworcz LTDA, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados, v. 18, p. 161-193, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Tempo e Narrativa**. Trad. Marina da Penha Villela-Petit. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação** (A. Morão, trad.). Lisboa: Edições, v. 70, 2009.

SANTOS, Luís Alberto Brandão. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis: Introdução à teoria da literatura**\ Luís Alberto Brandão Santos, Silvana Pessoa de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHMID, Wolfgang. **Narratology: an introduction**. (tradução Grupo ANA, 2005).Berlin/New York: Gruyter, 2014.

SEIXAS, Jacy Alves. **Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais**. In: BRESCIANI, S. NAXARA, M. **Memória e ressentimento. Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. Editora: Cortez. São Paulo, 2014.

SOURIAU, Étienne. **A correspondência das artes: elementos de estética comparada**. São Paulo: Cultrix, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **Às estruturas narrativas**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. — São Paulo: Perspectiva, 2006.